

VOLUME 1  
Cartografias  
contracoloniais



# ATLAS DA PRESENÇA QUILOMBOLA EM PORTO ALEGRE/RS

Cláudia Luísa Zeferino Pires  
Lara Machado Bitencourt  
organizadoras





## Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carlos André Bulhões Mendes, *Reitor*

Patricia Pranke, *Vice-reitora*

Júlio Otávio Jardim Barcellos

*Pró-Reitor de Pós-Graduação e*

*de Coordenação Acadêmica (PROPG)*

José Antonio Poli de Figueiredo,

*Pró-Reitor de Pesquisa (PROPESQ)*

Adelina Mezzari,

*Pró-Reitora de Extensão (PROEXT)*

José Antônio dos Santos,

*Diretor do Departamento de Educação*

*e Desenvolvimento Social (DEDS)*

Alan Alves Brito,

*Coordenador do Núcleo de Estudos*

*Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEABI)*

Luis Carlos Espindula,

*Diretor da Gráfica da UFRGS*

### Instituto de Geociências

Nelson Luiz Sambaqui Grüber, *Diretor*

Paulo Roberto Rodrigues Soares,

*Coordenador do Programa de Pós-Graduação*

*em Geografia (POSGEA)*

Marcelo Argenta Câmara,

*Chefe do Departamento de Geografia*

Cláudia Luísa Zeferino Pires,

*Coordenadora do Núcleo de Estudos de*

*Geografia & Ambiente (NEGA)*

### Fomento

CAPES/POSGEA

CNPq

PROEXT/UFRGS

NEABI/UFRGS

### Parcerias

Frente Quilombola RS

Instituto de Assessoria às Comunidades

Remanescentes de Quilombos

Akkani - Instituto de Pesquisa e Assessoria em

Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias

 atlasquilombosportoalegre@gmail.br | [www.ufrgs.br/nega](http://www.ufrgs.br/nega)



POSGEA



UFRGS

PROEXT

DEDS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



CAPES



AKANNI

**ATLAS DA  
PRESENÇA QUILOMBOLA  
EM PORTO ALEGRE/RS**

**Volume 1**

**Cartografias  
contracoloniais**

**Cláudia Luísa Zeferino Pires  
Lara Machado Bitencourt  
organizadoras**



# QUILOMBO DA FAMÍLIA SILVA

## VAMOS JUNTOS

*Vem,  
vamos juntos!*

*Dá-me tua mão,  
vamos juntos!*

*Dá-me tua disposição  
e vamos juntos!*

*Vamos correr nas campinas  
Vamos lerdear nas areias.*

*Vamos juntos, juntos, juntos!*

Oliveira Silveira, 1962



VERSÃO DIGITAL

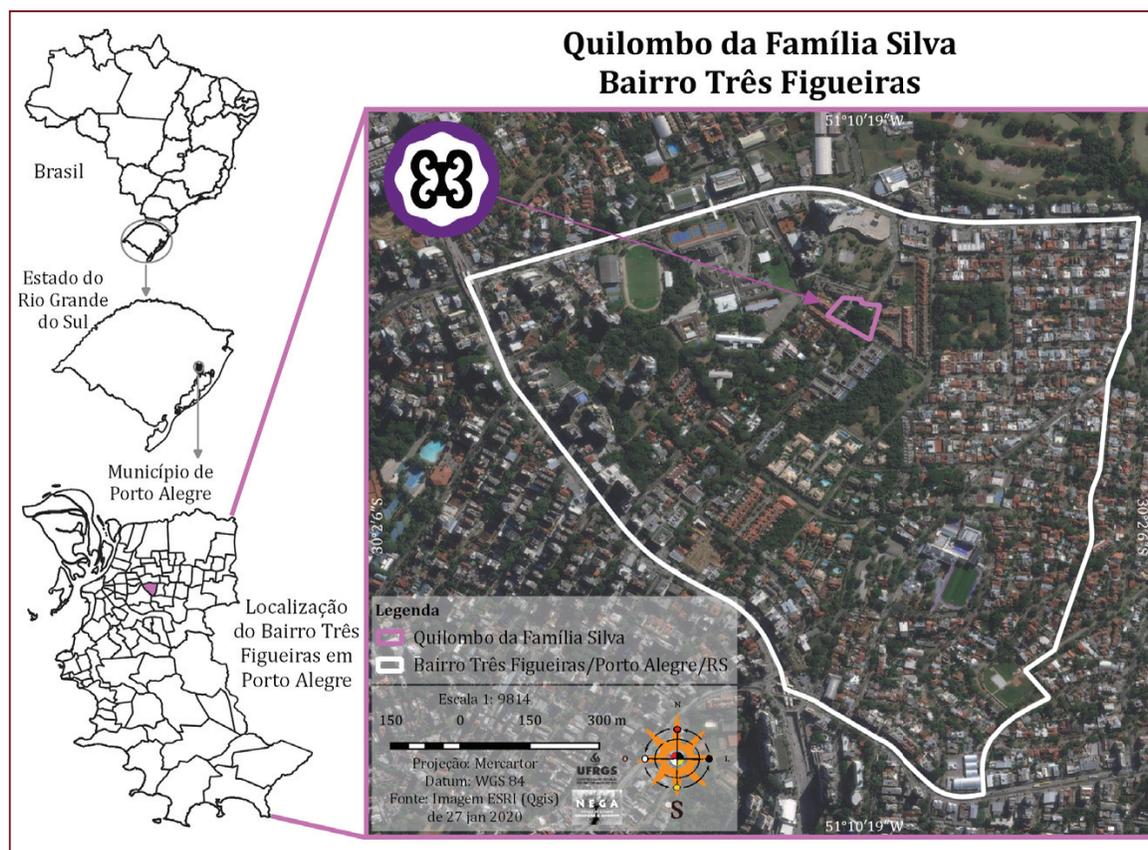
### COMO CITAR:

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado; SILVA, Lígia Maria; *et al.* Quilombo da Família Silva. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (org.). *Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS*. Porto Alegre: Letra1, 2021, p. 99-127



## NARRATIVAS ESPACIAIS DO QUILOMBO DA FAMÍLIA SILVA

O quilombo da Família Silva é o primeiro quilombo urbano titulado no país, com decreto assinado em 2006 e com título parcial<sup>1</sup> emitido em 2009. Está situado no bairro Três Figueiras, um dos bairros de maior valorização imobiliária de Porto Alegre (Figura 1). Atualmente, o Quilombo da Família Silva ocupa 6.510,7808 metros quadrados (INCRA, 2006) dos 1,34 km<sup>2</sup> do bairro e conta com mais de 20 famílias. São aproximadamente 70 pessoas, vivendo no território, evidenciando a força da resistência quilombola no espaço urbano, sujeita a todas as violências e à indisposição ao diálogo do racismo à brasileira (LEITE, 1999).



**Figura 1** – Mapa de Localização do Quilombo da Família Silva no Bairro Três Figueiras.  
**Fonte:** NEGA (2020)

Lígia Maria da Silva (Figura 2) se destaca por ser a atual liderança comunitária do Quilombo da Família Silva, assim como também é a memória viva das transformações espaciais do bairro. Lígia conta que quando “[...] *era tudo mato, e o que tinha era só o Anchieta*”, os primeiros a chegarem ao território, que compõe o Quilombo da Família Silva, na década de 1940, foram seus avós: a Sra. Naura

<sup>1</sup> Apenas três dos seis terrenos da comunidade estão legalmente titulados. Os demais esperam o resultado do processo de desapropriação e de indenização movido pelo Estado e administrado pelo INCRA.



Borges da Silva, nativa de São Francisco de Paula, e o Sr. Alípio Marques dos Santos, nativo de Cachoeira do Sul. Naura trabalhava como cozinheira e como lavadeira para a família da Miss Brasil Ieda Maria Vargas na Avenida Palmeiras, bairro Petrópolis, enquanto Alípio trabalhava como pedreiro e como jornalista, complementando a renda da família, trabalhando, também, como agricultor em suas terras.



**Figura 2** – Lígia Maria da Silva, presidente do Quilombo da Família Silva, narrando as memórias de luta e de resistência da comunidade.

**Fonte:** NEGA (2019)

Lígia nos conta que, na época de seus avôs e de sua infância, o quilombo possuía apenas uma casa, grande e central, da qual, hoje, encontramos somente vestígios, como o piso (Figura 3). Esta casa abrigou os primeiros parentes da Família Silva e também dispunha de quartos para alugar a rapazes solteiros, que chegavam a Porto Alegre, vindos do interior do Estado, gerando renda à família.

Por ser uma área com muitas vertentes de água e pelo território estar situado junto à bacia do arroio Mont´Serrat, os avôs de Lígia construíram um poço artesanal, que, hoje, conta com mais de sessenta anos. Nele, seu avô mergulhava as melancias, para gelar, no verão. Cultivavam a terra com roçados de amendoim, de moranguinho, de abobrinha, de cenoura, de batata-doce, de milho, de aipim e de muitos chás plantados pela avó. Também criavam porcos, galinhas e vacas, fazendo renda com a venda do leite para os vizinhos.



**Figura 3** – Marcas da primeira casa construída por Alípio Marques dos Santos e por Naura Borges da Silva.  
**Fonte:** NEGA (2019)

Naura e Alípio são os avôs maternos de Lígia. Sua mãe, Anna Maria da Silva, conheceu seu pai, Euclides José da Silva, em São Francisco de Paula, quando este voltava de Porto Alegre, em que encontrara abrigo na casa dos pais de Anna. Em 1956, dois anos depois deste encontro, nasceu, em Porto Alegre, Lígia. Lígia é a primeira filha de uma família de onze irmãos (Figura 4). Ela e seus dez irmãos nasceram e se criaram no atual território do Quilombo da Família Silva, acostumados com os vizinhos e com as relações do entorno. Lígia e seu irmão, Lorivaldino – o Lorico, chegaram a estudar na extinta Escola Assistencial Vespertina, que, no passado, era mantida pelo Colégio Anchieta (Figura 5).

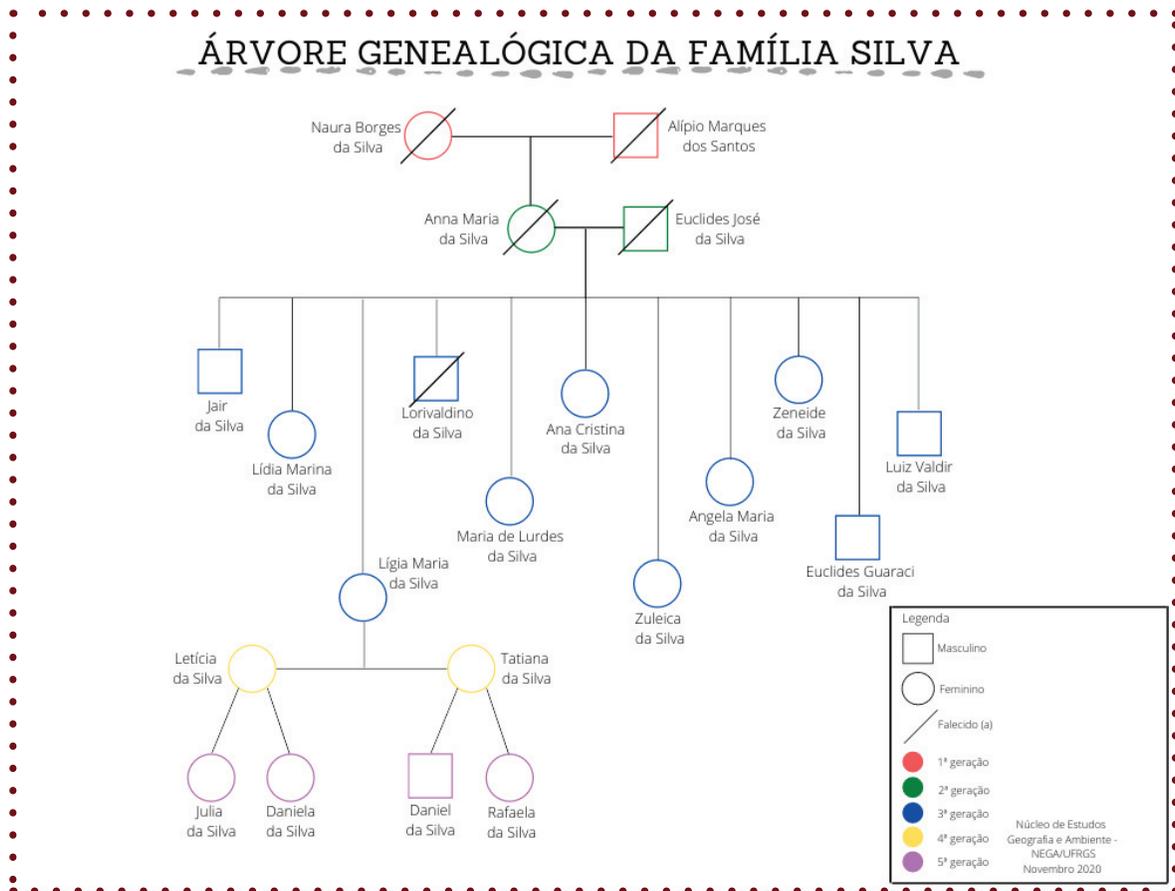
Os patriarcas da Família Silva chegaram a Porto Alegre no início da década de 1940. Naura Borges da Silva e Alípio Marques dos Santos vieram respectivamente de São Francisco de Paula e de Cachoeira do Sul e encontraram, na capital gaúcha, um lugar para seu bem-viver, que, até hoje, abriga, no território quilombola, seus descendentes. Na Figura 6, apresentamos o mapa da diáspora, realizada por Naura e por Alípio.

Nessa época, a zona Leste de Porto Alegre não era densamente povoada, inclusive, foi considerada zona rural, até o ano de 1979. Nessa área, eram encontradas chácaras de hortifrutigranjeiros e tambos de leite, que abasteciam

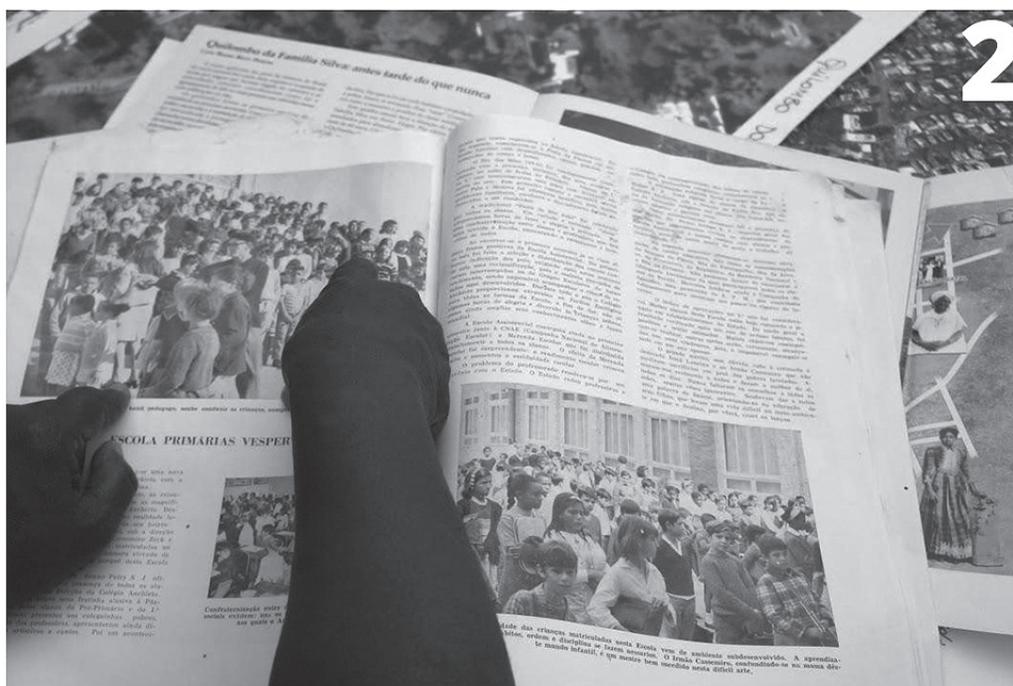


as regiões Central e Oeste, na época, mais urbanizadas. Um marco relevante do início do adensamento populacional na região aconteceu no ano de 1967, quando o Colégio Anchieta, que já tinha um terreno nas proximidades do quilombo, transferiu sua sede do centro histórico para o bairro Três Figueiras. Outro fator importante é a abertura da avenida Nilo Peçanha, em 1970. Com suas obras, a população majoritariamente negra, que vivia na região, foi coagida a migrar para terrenos próximos de onde, hoje, encontram-se os bairros Bom Jesus e Vila Jardim.

Também na década de 1970, as comunidades negras, pertencentes à Bacia do Mont´Serrat, que, no passado, pertencia, territorialmente, à região conhecida como Colônia Africana, começam a ser perseguidas e ameaçadas pelo crescimento e pela expansão da urbanização da cidade. Por conta desses grandes empreendimentos, no ano de 1972, a matriarca Naura Silva dos Santos entra com a primeira ação de usucapião, na tentativa de garantir o território para sua família.



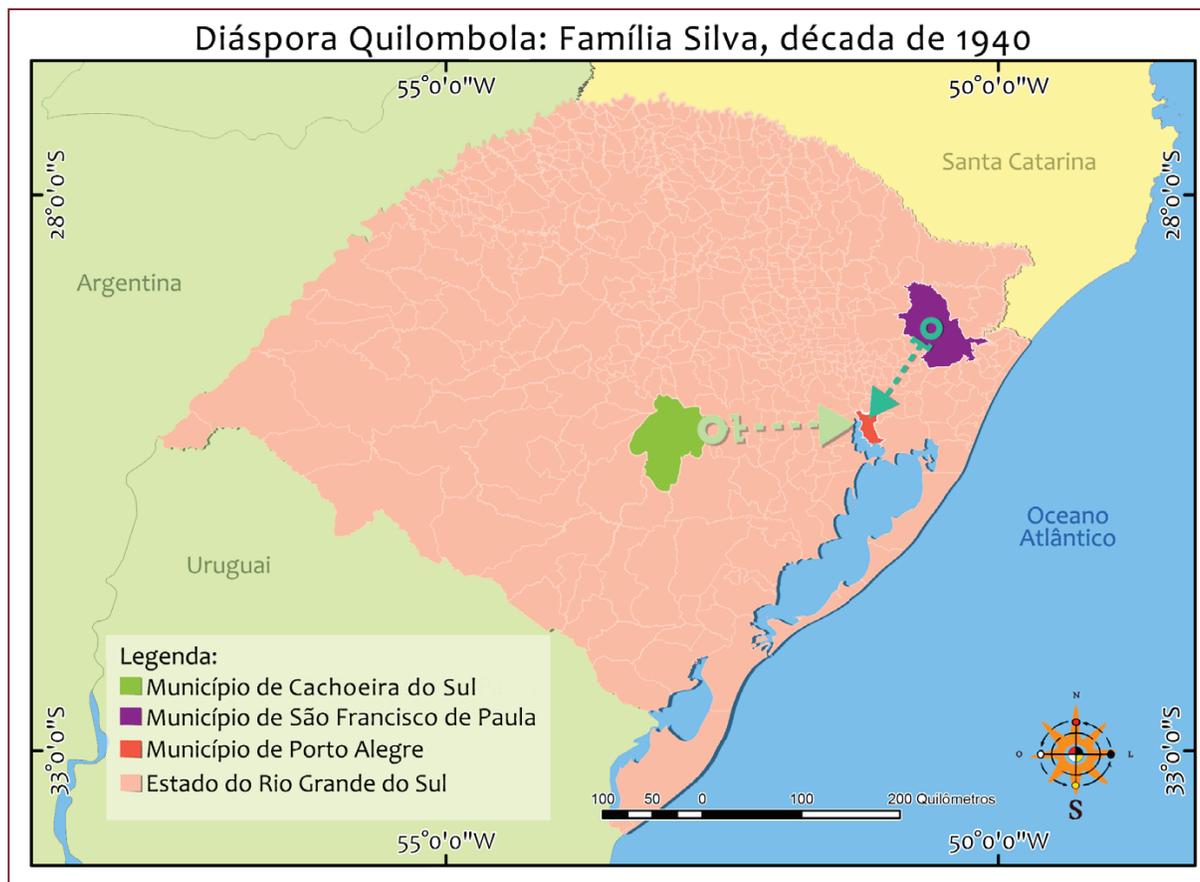
**Figura 4** – Árvore Genealógica da Família Silva  
**Fonte:** NEGA (2019)



**Figura 5** – Registro do Colégio Anchieta, com destaque para o entorno, em que se vê a baixa urbanização da região. Dona Lúcia aponta para a sua foto no anuário de 1968 do Colégio Vespertino.

**Fonte:** NEGA (2019)

A expansão da Avenida Carlos Gomes ocorreu, durante a década de 1980, assim como a construção do Shopping Iguatemi, em 1983, o que contribuiu para a transformação do bairro Três Figueiras e dos bairros vizinhos, através de uma maior urbanização e da valorização imobiliária desta região da cidade. Por conseguinte, aconteceram movimentos de higienização urbana e de elitização desses bairros, anteriormente periféricos.



**Figura 6** – Mapa da Diáspora Quilombola da Família Silva.

**Fonte:** NEGA (2020)

Assim, toda essa região passou a ser denominada área “nobre” da cidade, o que, por sua vez, gerou os mais variados processos de exclusão da população negra, que vivia nesta área. Para a Família Silva, a luta pela permanência no território nunca foi fácil. Todos os anos, perto do Natal, chegavam notificações de despejo. Em 1990, seu Euclides José da Silva e seus filhos entram com a segunda ação de usucapião, na tentativa de permanecer no território, e, no ano de 2001, Lígia da Silva e os irmãos entram novamente com o recurso de usucapião, que nunca fora concedido a família.

É através desse movimento constante de luta pela terra e pela moradia que a família se percebe como quilombola. Através do autorreconhecimento quilombola, no ano de 2002, a Família Silva passou a reivindicar judicialmente a regularização das terras ocupadas e a recuperação das que foram perdidas, através do Artigo 68 do Ato das Disposições Transitórias (ADCT) da Constituição Federal de 1988. Todo esse movimento foi feito com os apoios do Movimento Negro e do Instituto de Assessoria as Comunidades Remanescentes de Quilombos-RS (IACOREQ), grupos ligados aos direitos humanos, através da questão quilombola, além dos movimentos organizados de outras famílias quilombolas de Porto Alegre e do interior do Rio Grande do Sul.



Em dezembro de 2004, a comunidade recebeu a certificação de autorreconhecimento pela Fundação Cultural Palmares. No final deste mesmo mês, a Família Silva enfrenta a mais violenta e duradoura ação de despejo, resistindo durante 15 dias chuvosos, através de uma barricada na, então, única entrada do quilombo, localizada na rua João Caetano. Esta luta pelo reconhecimento do território quilombola se tornou um marco histórico nos direitos à terra, à justiça social e à reparação geo-histórica para os quilombos urbanos no país (Figura 7).



**Figura 7** – Registro da organização quilombola, que resistiu, com a construção de uma barricada, ao cerco de 2005

**Fonte:** Blog Quilombo Família Silva (2005)

Graças a esse movimento de resistência e de resiliência dos Silva, apoiado pelos movimentos sociais e pelas demais comunidades quilombolas da cidade (Figura 8), no ano de 2009, foi conquistado o título da terra (Figura 9). Assim, o Quilombo da Família se tornou o primeiro quilombo urbano titulado do Brasil, abrindo as portas dos direitos quilombolas para outras comunidades, que vivem a mesma situação, nas cidades brasileiras.

Na **Espiral das Resistências da Família Silva** (Figura 10), registramos, de forma ilustrativa, alguns marcos históricos no percurso da família, que são considerados importantes em sua afirmação territorial.



**Figura 8** – Registro do protesto na sede do INCRA/RS.  
**Fonte:** acervo de Genaro Foner (2005)



**Figura 9** – Entrega do Certificado de Titulação a Lorivaldino Silva, então, presidente da Associação Quilombo Família Silva, em 27 de setembro de 2009.  
**Fonte:** Blog Quilombo Família Silva (2009)

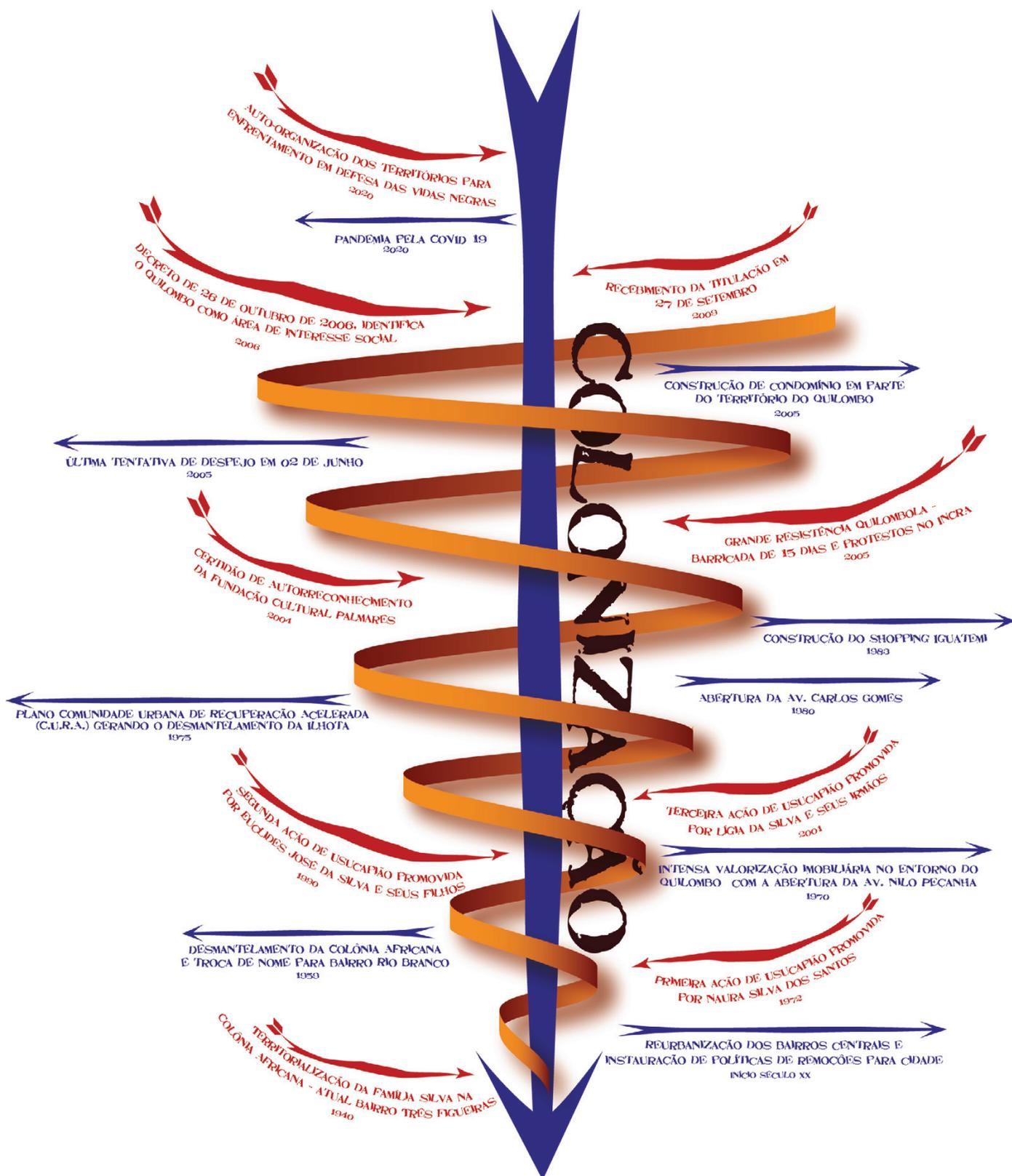


Figura 10 – Espiral da Resistência do Quilombo da Família Silva.

Fonte: NEGA e Lígia Silva. Ilustração: Gabriel Muniz (2021)





## CARTOGRAFIAS CONTRACOLONIAIS DO QUILOMBO DA FAMÍLIA SILVA

Na tarde de 25 de novembro de 2019, iniciamos os trabalhos de campo no Quilombo da Família Silva. A equipe de pesquisadores extensionistas do Núcleo de Estudos Geografia & Ambiente (NEGA) foi recebida pela presidente do Quilombo da Família Silva, Lígia Maria da Silva, em sua casa, em que a liderança narrou a história de seus antepassados e a Geografia de seu território. Após breve apresentação da equipe e, também, da metodologia de trabalho, Dona Lígia nos levou para conhecer o território e seus marcadores (Figura 11). Para a confecção dos mapas coparticipativos, foi utilizada uma imagem de satélite (impressão A0), abrangendo a área do Quilombo e o entorno, em que foram feitos os registros, conforme o desenrolar do depoimento de Lígia.



**Figura 11** – Dona Lígia, apresentando o território do Quilombo da Família Silva, durante o trabalho de campo, realizado junto à liderança do quilombo.

**Fonte:** NEGA (2019)

A data de 28 de novembro de 2019 ficou reservada para revisar, junto à Dona Lígia, o conjunto de cartografias, produzidas a partir do primeiro campo. Essas cartografias registram a presença e as trajetórias do Quilombo da Família Silva. A cartografia dos marcadores territoriais nos apresenta as múltiplas relações da comunidade com o território, através de seus usos atuais e antigos, assim como os lugares de conflitos, representando seus elos com o território.

*[...] A gente morou a vida toda aqui, aqui a gente tem nossas raízes, e a gente sempre conviveu aqui. Aqui moram todos os meus irmãos, meus sobrinhos, as crianças brincam aqui no pátio. [...] (depoimento pessoal de Dona Lígia Silva, em 25/10/2019, em entrevista concedida ao NEGA)*



Dona Lígia também nos conta que, na época de seus avós e durante sua infância, o Quilombo da Família Silva possuía apenas uma casa, grande e central, de que hoje são encontrados somente vestígios. A casa dos avós de Lígia foi construída próxima a grande seringueira (Figura 12), importante marcador territorial, que, atualmente, compõem o pátio central (Figura 13), local em que as crianças brincam, em que a família se encontra e em que a comunidade promove reuniões e festas.

No pátio central também está o antigo poço, hoje, desativado, construído pelo avô de Lígia. Até 1998, o poço era usado no abastecimento de água da Família Silva, assim como era usado por famílias do entorno, que não tinham acesso à água. Próximo dali, também se localiza o banheiro comunitário, o qual era utilizado, antes da construção dos banheiros do projeto da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). A construção dos 12 banheiros, a partir de uma demanda encaminhada à FUNASA pelo quilombo, durante a demarcação do território, marca a luta do Quilombo da Família Silva por melhorias na qualidade de vida e na infraestrutura da comunidade (Figura 14).

A presença de animais, de hortas e de árvores frutíferas é comum em todo o território do Quilombo. São práticas e cultivos ancestrais, que resistem, desde a época dos avós de Dona Lígia. Mesmo que limitados pelo adensamento da urbanização e pela compressão do espaço, pelos empreendimentos lindeiros, as famílias da comunidade mantêm o manejo de plantas em suas práticas do cotidiano, entre a presença de árvores mais antigas, como a figueira e a seringueira, somadas às lembranças das antigas plantações e de seus usos.

*[...] No tempo do vô, tinha muito chá; tinha aqueles chás, que se fazia chapoeirada, as infusões, botava arruda, botava guiné e outras plantas; usava quando se machucava. (depoimento pessoal de Dona Lígia Silva, em 25/10/2019, em entrevista concedida ao NEGA)*

A cartografia **Quilombo da Família Silva: Marcadores Territoriais** (Figura 15) tem sua afirmação territorial expressa, por meio de suas resistências, de suas memórias, de suas ancestralidades e de seus cuidados com o território, que são passados de geração a geração, com a permanência da família no local e com a continuidade dos elos formados no passado. Na figura 16, Lorivaldino, irmão de Lígia, apresenta o interior de sua casa, com memórias das lutas da comunidade, junto aos demais quilombos do país. A cartografia dos marcadores territoriais representa a luta pela terra no espaço urbano na cidade de Porto Alegre (RS), como se pode observar nas páginas a seguir.



**Figura 12** – Relação das crianças com o território nas brincadeiras com a seringueira.

**Fonte:** NEGA (2019)



**Figura 13** – Pátio central do Quilombo da Família Silva.

**Fonte:** NEGA (2019)



**Figura 14** – Foto 1: Antigo poço, construído pelo Sr. Alípio; Foto 2: Banheiro comunitário; Foto 3: Um dos 12 banheiros construídos pela FUNASA.

Fonte: NEGA (2019)

Na cartografia **Movimentos Históricos e Cotidianos: Quilombo da Família Silva** (Figura 17), evidenciamos as relações do Quilombo da Família Silva com seu entorno, apresentando os fluxos antigos e atuais de deslocamento da comunidade, além dos marcadores, que situam e que registram os vínculos de pertencimento do quilombo aos arredores, assinalando a presença quilombola no bairro Três Figueiras e na região, por meio de suas relações de trabalho, de lazer e de educação. No decorrer da resistência do Quilombo da Família Silva no bairro Três Figueiras, suas marcas espaciais representam a afirmação da presença quilombola, que passa, também, por seus conflitos com a cidade nas constantes lutas pela permanência no território (Figura 18).



Conforme relato de Lígia, o Quilombo da Família Silva foi se transformando, ao longo do tempo, e resistindo aos avanços da modernidade, vindos com a abertura da avenida Nilo Peçanha, nos anos 1970, que coagiu a população majoritariamente negra, que vivia na região da Colônia Africana, atualmente, parte do bairro Três Figueiras, a migrar para outros territórios da cidade. A melhoria das condições urbanas na região, associada à intensificação do desenvolvimento do comércio e dos serviços para a elite consumidora, como na construção do *Shopping Iguatemi*, desenhou um novo mapa na cidade, invisibilizando seus usos antigos, de modo que as transformações do entorno chegaram carregadas de conflitos, associados à valorização da área pela especulação imobiliária. O resultado desta transformação é a produção de um projeto urbanístico e estruturalmente racista, baseado na valorização e na higienização estéticas, com predomínio de altos padrões econômicos construtivos, desvalorizando práticas sociais e culturais exercidas pela comunidade da Família Silva e pelas demais comunidades pobres do entorno, como, por exemplo, a Vila Kédi<sup>2</sup>, com a qual o Quilombo possui estreitas relações.

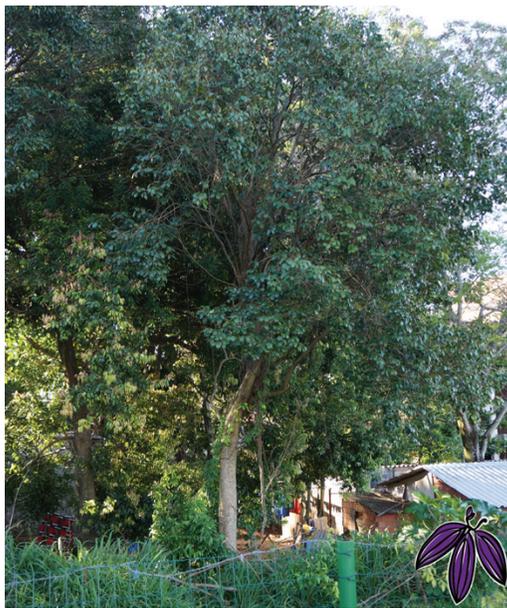
Com as crescentes mudanças no perfil do bairro, houve a demanda por serviços domésticos, de jardinagem, de segurança e de serviços gerais, para trabalho em obras e *caddies* – função de recolher bolas em campo de golf, haja vista a presença do Country Club na região, desde 1930. Daí, também deriva o nome da Vila Kédi, localizada ao lado do clube, em que residem, em condições precárias, boa parte dos prestadores de serviço do clube, evidenciando, mais uma vez, a desigualdade espacial e as injustiças sociais do bairro.

Dona Lígia nos narra que, antigamente, na época de seu avô Alípio, havia o plantio da horta, para a segurança alimentar da família, bem como de flores ornamentais, que eram vendidas, em frente ao Cemitério Municipal São João:

*Eu me lembro que o vô vendia muita flor no tempo de finados. Ele plantava muitas flores. E eu, como era a mais velha, ia com ele ao Cemitério São João, para vender flores [...]. (depoimento pessoal de Dona Lígia Silva, em 25/10/2019, em entrevista concedida ao NEGA)*

Na sequência, apresentamos a cartografia de perícia **Quilombo da Família Silva, 1982** (Figura 19), realizada na fotografia aérea de 1982, obtida do acervo da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade (SMAMS). Na imagem, podemos afirmar a presença do Quilombo da Família Silva há mais de três décadas no território. É possível identificar a seringueira e a casa dos pais de D. Lígia, assim como, também, outros registros, que são narrados pela comunidade, como os trajetos e os roçados. Os trajetos são perceptíveis por

 2 Em 2021, a comunidade da Vila Kédi deu início ao seu processo de autorreconhecimento quilombola.



### Legenda

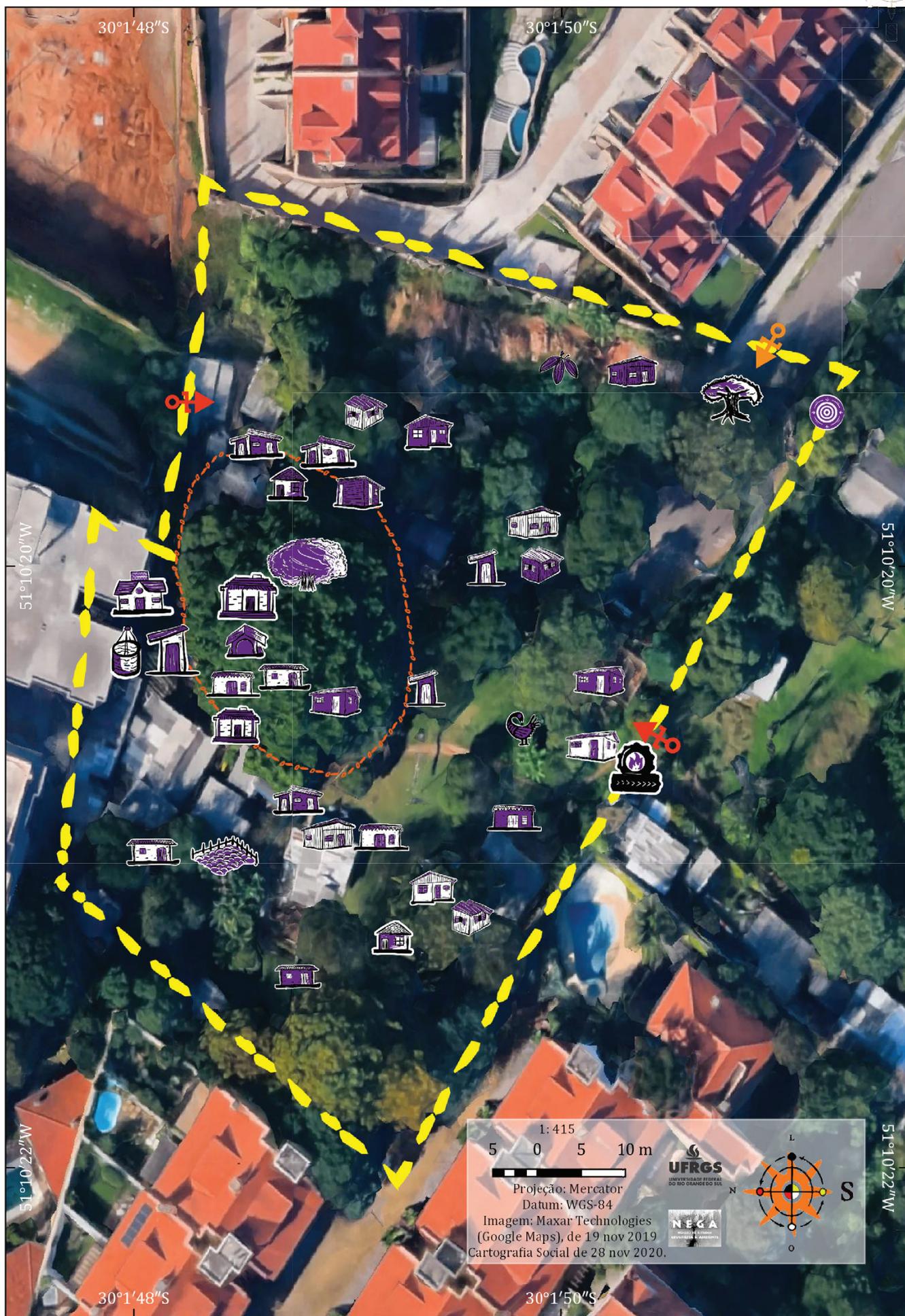
-  Limites do Quilombo da Família Silva
-  Pátio Central
-  Antiga Casa Central (casa do Vô)
-  Sede da Associação
-  Antigo Poço
-  Horta
-  Banheiro Comunitário
-  Banheiros doados pela FUNASA
-  Galinheiro
-  Marco implantado pelo INCRA
-  Figueira
-  Caneleira
-  Seringueira
-  Barricada Quilombola
-  Entrada da Rua Ana Maltz Knijnik
-  Entradas da Rua João Caetano
-  Casinha de Brinquedo
-  Casa da Ci
-  Casa da Cleusa
-  Casa da Daiane
-  Casa da Fátima Beatriz
-  Casa da Jade
-  Casa da Kelly
-  Casa do Letícia
-  Casa do Lígia
-  Casa do Tatiana
-  Casa da Vanessa
-  Casa do Guaraci
-  Casa do Biguá
-  Casa do Carlos Alberto
-  Casa do Diego
-  Casa do Fabrício
-  Casa do Guaraci
-  Casa do Jair
-  Casa do Lorivaldino
-  Casa do Roberto
-  Casa da Ana
-  Casa da Ana Cláudia
-  Casa da Ana Paula
-  Casa da Ângela Maria



Figura 15 – Mapa dos marcadores territoriais do Quilombo da Família Silva. Fonte: NEGA (2020)

# QUILOMBO DA FAMÍLIA SILVA

## Marcadores Territoriais





**Figura 16** – Casa do Lorivaldino da Silva (Lorico), que demonstra os cuidados com o acervo cultural do Quilombo da Família Silva.

**Fonte:** NEGA (2019)

alguns dos caminhos realizados pela família, antes da expansão das avenidas Nilo Peçanha e Carlos Gomes, e também nos permite entender um pouco mais da dinâmica do território no passado e das suas transformações nos dias atuais.

Destacados na fotografia aérea, estão, além dos marcadores já mencionados, a extinta Escola Assistencial Vespertina, que, no passado, era mantida pelo Colégio Anchieta. Dona Lígia nos conta que ela e o irmão Lorico frequentaram a escola e que usavam o campinho como caminho, para chegar na escola, já que, na época, ainda não haviam construções que impedissem esse trajeto.

Nas memórias dos trajetos de Dona Lígia, há a presença do antigo Beco do Resbalo, que se localizava próximo ao território do quilombo e que teve seus moradores expulsos, devido à expansão urbana do bairro.



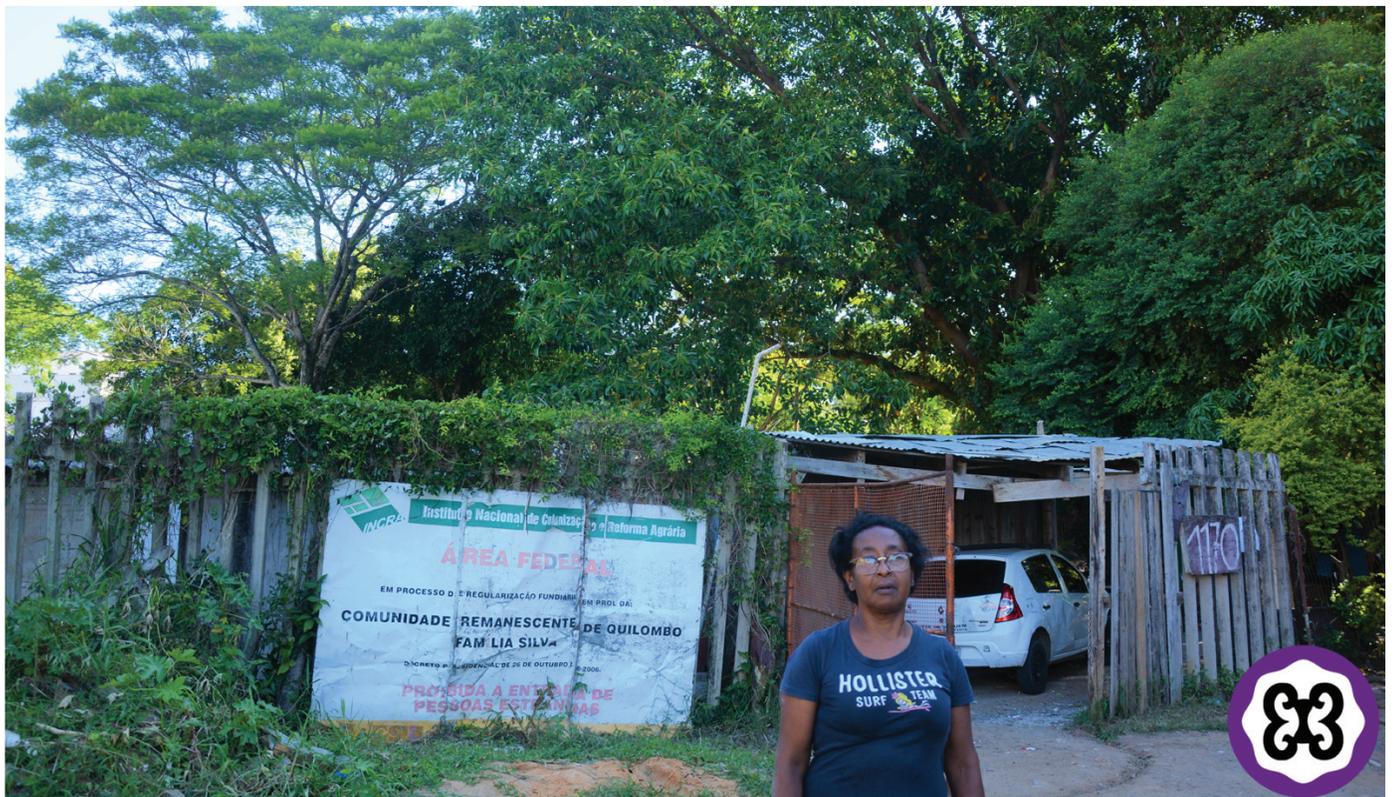
[...] tiraram a vila dali, quando foram abrir a rua, lá em cima, tiraram a vila. [...] Tiraram todas as pessoas, foi tão triste, quando tiraram as pessoas dali. Por que todo mundo trabalhava aqui, nas chácaras, e, às vezes, não tinham nem dinheiro pra vir trabalhar aqui. Foi horrível. (depoimento pessoal de Dona Lígia Silva, em 25/10/2019, em entrevista concedida ao NEGA)

A memória espacial, reconstruída pela oralidade e instrumentalizada pelo mapeamento coparticipativo, juntamente com a revisão documental, realizada nos arquivos de acesso público, em plataformas virtuais e presenciais, objetiva registrar a luta pela terra. Muitas foram as tentativas de usurpação do território quilombola, as quais, por vezes, tiveram o objetivo de tomá-la em sua totalidade ou, em outros momentos, partes dela, com a justificativa atrelada à expansão imobiliária e às práticas racistas e higienistas, que o planejamento urbano impõe. Sobrepondo-se a essas práticas e a esses tensionamentos, a luta quilombola se mostra fortemente enraizada neste chão, tal qual as raízes da seringueira (Falsa-seringueira) (Figura 20).



**Figura 20** – Seringueira (Falsa-seringueira) no centro do pátio do Quilombo da Família Silva. Sua presença representa as memórias, as raízes e as aspirações para o futuro da comunidade.

**Fonte:** NEGA (2019)



## Legenda



Quilombo da Família Silva



Extinta Escola Assistencial Vespertina  
(mantida pelo) Colégio Anchieta



EEEF Bahia



EEl Boa Vista



Quilombo Kédi



Country Club



Quadra de Tênis



Shopping Iguatemi



Antigo Secos e Molhados



Deslocamentos de Ensino



Deslocamentos de Vizinhança



Deslocamentos de Trabalho



Deslocamentos de Compras

Figura 17 – Mapa dos movimentos históricos e cotidianos do Quilombo da Família Silva. Fonte: NEGA (2020).

# Movimentos Históricos e Cotidianos do Quilombo da Família Silva

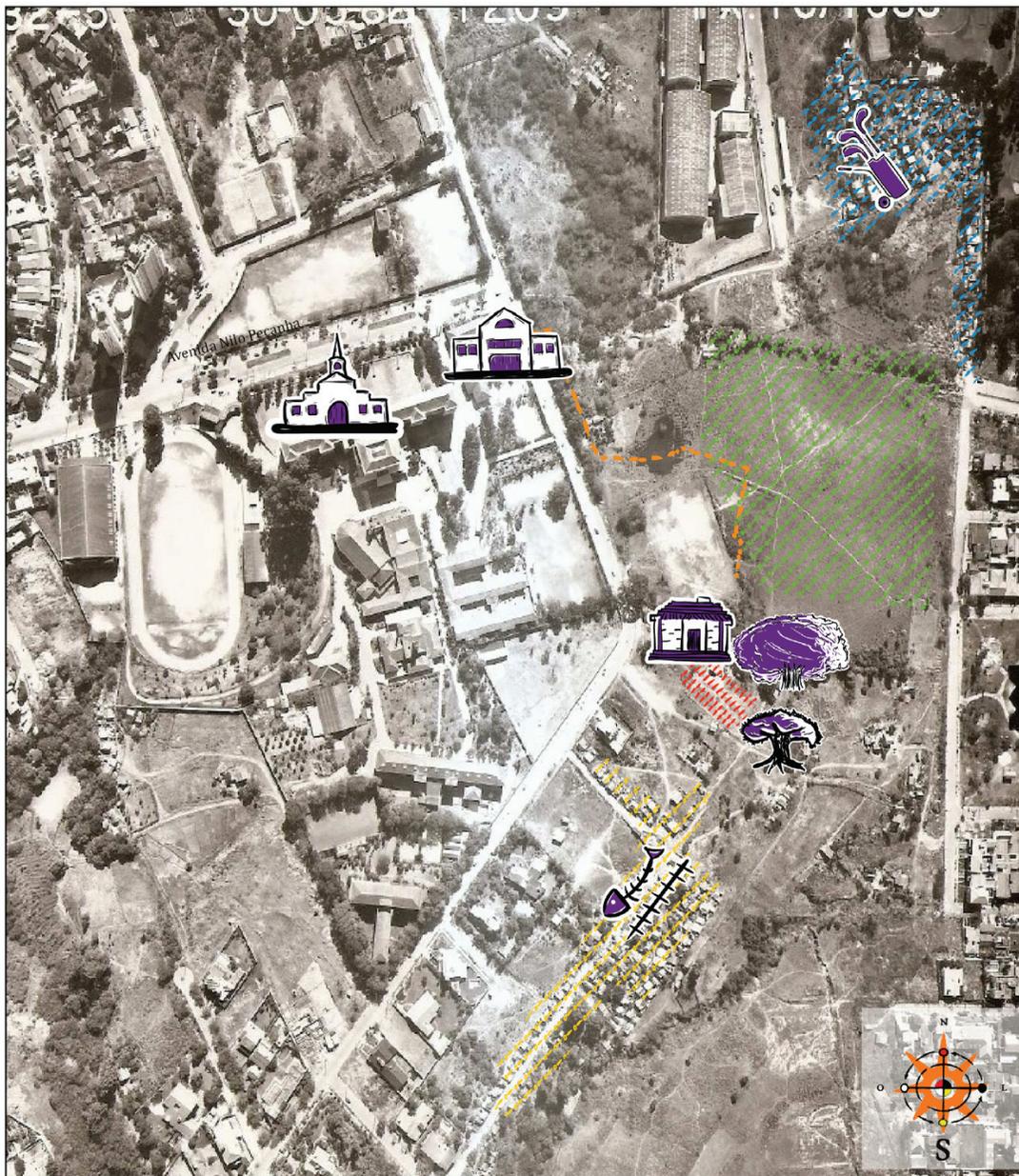




**Figura 18** – Visada do território do Quilombo da Família Silva.  
**Fonte:** NEGA (2019)



### Quilombo da Família Silva, 1982



**Legenda**

Casa Central (Casa do Vô)	Beco do Resbalo
Antiga Roça	Quilombo Kédi
Figueira	Escola Assistencial Vespertina
Seringueira	Colégio Anchieta
Caminho para Escola	Campinho

Informações da Aerofotografia

Imagem de 30 mai 1982 do Bairro Três Figueiras.  
 Fonte: SMURB.  
 Aquisição em 20/09/2019.

Figura 19 – Fotografia aérea do Quilombo da Família Silva, datada de 1982. Fonte: NEGA (2020).



## TRAVESSIAS EM CURSO PELA COMUNIDADE

Apresentamos, neste capítulo, o pertencimento territorial do Quilombo da Família Silva, o primeiro quilombo urbano titulado no país, em 2009. Fazemos referência ao relatório, produzido pelo NEGA, junto à comunidade, em 2019, que constitui um instrumento técnico sobre o reconhecimento territorial e sobre a afirmação espacial da comunidade no bairro Três Figueiras, em Porto Alegre (RS). Os dados são oriundos da coleta de informações no trabalho de campo e na realização do mapeamento coparticipativo.

Ressaltamos que as comunidades quilombolas não podem ser generalizadas nem consideradas territórios homogêneos, que apresentam formas idênticas de organização social e de distribuição espacial, sendo metodologicamente equivocado construir um modelo, como instrumento de pesquisa indiscriminado, a ser utilizado para todas as comunidades ou, mesmo, usar somente informações universais, dispostas por instituições oficiais. Considerando o Decreto nº 4.887/2003, é previsto procedimento como este, a fim de compreender as dinâmicas geográficas dos vínculos territoriais e a caracterização socioambiental da comunidade estudada, a fim de subsidiar o reconhecimento do território quilombola, por parte do Estado.

A identidade e a territorialidade quilombolas no Quilombo da Família Silva se faz ativa, ao longo de mais de 80 anos. Podemos observar essas relações nos mapas apresentados neste capítulo. A ancestralidade e a resistência são testemunhos da formação histórica e do desenvolvimento urbano de Porto Alegre. Sua presença no atual bairro Três Figueiras testemunha as transformações urbanas, ocorridas na Colônia Africana e na Bacia do Mont'Serrat, espaços que, no passado, acolheram o povo negro na cidade, principalmente, depois das políticas de remoções, realizadas nos bairros mais centrais.

É manifesto, na fala de Lígia, o modo de vida, o entendimento sobre o seu passado e sobre as construções sociais, que os levam a territorializar suas posições socioespaciais em uma sociedade e em uma cidade altamente segregada e injusta. Esse entendimento, na sua maioria, não advém de espaços formais de educação, mas da tradição sociocultural afrobrasileira, que, desde a sua chegada, forçada, a nosso país, precisa se reinventar, para não ser apagada e/ou invisibilizada, e que, não raro, foi e é criminalizada e expulsa para as periferias urbanas e rurais. De essência pluriétnica, as cidades brasileiras negam os papéis principais aos povos negro e indígena na tradição territorial, ignorando os movimentos de construção e de expansão das cidades engendrados por estas populações.

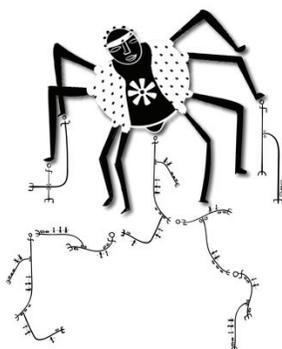
Desde 2005, o Quilombo da Família Silva enfrenta as dificuldades, provocadas pela construção indevida de um prédio, que ocupa parte de seu território (Figura 21).



Atualmente, a obra se encontra embargada, devido ao desenvolvimento do processo de titulação, contudo demonstra as opressões territorial e social, que persistem sobre a comunidade. Atualmente, a comunidade participa de ações, coordenadas junto aos demais territórios quilombolas da cidade, para o enfrentamento à pandemia de Coronavírus.



**Figura 21** – À esquerda, está a seringueira, símbolo territorial da comunidade, fixado no pátio central do Quilombo. À direita, o prédio, que teve sua obra paralisada, por ocupar parte do território do Quilombo.  
**Fonte:** NEGA (2019)





## CONVERSANDO SOBRE O QUE ESTAMOS APRENDENDO...

### I. Proposta de atividade pedagógica

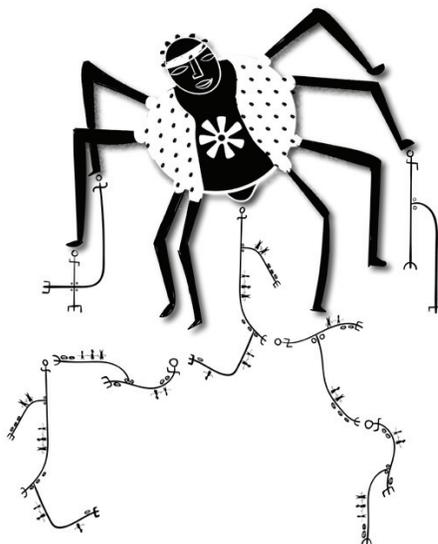
1. **Temática:** O Quilombo dos Silva: território e identidade.

2. **Objetivos:**

- Conhecer aspectos da cultura e da história do Quilombo da Família Silva;
- Valorizar os saberes tradicionais e fortalecer a identidade quilombola.

3. **Atividade:**

O Quilombo da Família Silva foi o primeiro quilombo urbano reconhecido e titulado no Brasil e tem sua afirmação territorial expressa, por meio de sua história de resistência, de memórias e de ancestralidade. Na fotografia a seguir, um de seus moradores, Lorivaldino, irmão da matriarca do quilombo, Lígia, mostra, com orgulho, fotos e objetos, que representam a luta pela terra no espaço urbano da cidade de Porto Alegre.





Refleta sobre essa imagem e responda:

1. Formar grupos de três ou mais pessoas, para debater e para responder às seguintes questões:
  - a. Qual é a importância do registro das lutas pelo território do Quilombo dos Silva para os outros quilombos urbanos no Brasil?
  - b. Onde fica localizado o Quilombo dos Silva e como é o entorno do quilombo e qual é a condição social das pessoas, que residem no entorno desse quilombo?
  - c. Por que foi difícil o reconhecimento do território quilombola?
  - d. No passado, como eram conhecidas as comunidades negras, pertencentes à Colônia Africana e à Bacia do Mont’ Serrat?
  - e. Qual é a principal consequência da elitização do entorno do território para os quilombolas da Família Silva?

## REFERÊNCIAS

BLOG QUILOMBO FAMÍLIA SILVA. **Quilombo Família Silva**. Disponível em: <http://quilombofamiliasilva.blogspot.com/>. Acesso em: 13 dez. 2019.

COLÉGIO ANCHIETA. **Colégio Anchieta prioriza educação integral**. Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/colegio-anchieta-prioriza-educacao-integral/>. Acesso em: 13 jan. 2021.

COUNTRY CLUB. **Porto Alegre Country Club**. Disponível em: <http://pacc.com.br>. Acesso em: 13 jan 2021.

JORNAL DIÁRIO GAÚCHO. **Primeiro Quilombo Urbano do Brasil Completa 10 anos de titulação**. 2019. Disponível em: <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2019/11/primeiro-quilombo-urbano-do-brasil-completa-10-anos-de-titulacao-11890097.html>. Acesso em: 19 nov. 2019.

LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e Quilombolas: cidadania ou folclorização? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 123 -149, 1999.

PORTO ALEGRE (Município). Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **Acervo fotográfico**. Disponível em: <https://alfa.portoalegre.rs.gov.br/>. Acesso em: 12 dez. 2019.

RELATÓRIO COLÉGIO ANCHIETA. **Anchieta, cidade de contrastes**. Porto Alegre: [s.n.], 1968.

SHOPPING IGUATEMI. **O Shopping**. Disponível em: <https://www.iguatemiportoalegre.com.br/o-shopping/>. Acesso em: 13 jan. 2021.



SUL21. **Primeiro quilombo urbano resiste prensado por um dos metros quadrados mais caros de Porto Alegre.** Disponível em: <https://www.sul21.com.br/cidades/2016/11/primeiro-quilombo-urbano-resiste-prensado-por-um-dos-metros-quadrados-mais-caros-de-porto-alegre/>. Acesso em: 11 dez 2019.

SUL21. **Saiba a média do metro quadrado para alugar um imóvel em Porto Alegre.** Disponível em: <https://www.sul21.com.br/publieditorial-2/2019/11/saiba-a-media-do-metro-quadrado-para-alugar-um-imovel-em-porto-alegre/>. Acesso em: 13 jan. 2021.

## FICHA TÉCNICA – QUILOMBO DA FAMÍLIA SILVA

**Relatório técnico e texto didático-pedagógico:** Carlos Henrique de Oliveira Aigner, Cláudia Luísa Zeferino Pires, Diego Mittmann Kaiser Barboza, Lígia Maria da Silva, Giulia Assunção Sichelero, Lara Machado Bitencourt, Laura Isabel dos Santos Flores e William de Oliveira Silva da Silva.

**Fotografia:** Cláudia Luisa Zeferino Pires Pires e Marina Vargas Leonhardt.

**Ilustração:** Gabriel Muniz de Souza Queiroz.

**Cartografias:** Cláudia Luisa Zeferino Pires, Gabriel Muniz de Souza Queiroz, Hiago Godoi Barth, Laisa Zatti Ramirez Duque, Lara Machado Bitencourt, Matheus Eilers Penha e Winnie Ludmila Mathias Dobal.

**Trabalho de campo:** Álvaro Luiz Heidrich, Cláudia Luisa Zeferino Pires, Diego Mittmann Kaiser Barboza, Hiago Godoi Barth, Lígia Maria da Silva, Laisa Zatti Ramirez Duque, Lara Machado Bitencourt, Laura Isabel dos Santos Flores, Mariana Nicolini Acosta, Marina Vargas Leonhardt, Natasha Santos de Moura e William de Oliveira Silva da Silva.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à comunidade do Quilombo da Família Silva, à grande companheira e guerreira Lígia Maria da Silva, liderança da comunidade – obrigada pela acolhida, pelo diálogo e pelo mapeamento do rico território dos Silva. Agradecemos ao movimento social Frente Quilombola do RS e ao Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos (IACOREQ/RS), que se dispuseram na mediação e no diálogo, junto à comunidade, sobretudo, no amparo jurídico.